

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IZABELLA PERES SDROEIWSKI

**CORPO E ESCRITA EM *MÉMOIRE DE FILLE* DE ANNIE ERNAUX**

CURITIBA  
2017

IZABELLA PERES SDROEIWSKI

**CORPO E ESCRITA EM *MÉMOIRE DE FILLE* DE ANNIE ERNAUX**

Trabalho apresentado à disciplina de Prática de  
Pesquisa em educação II do curso de Letras –  
Francês, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa . Dra . Sandra Mara Stroparo:

CURITIBA  
2017

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Sandra Stroparo, pela sua paciência, delicadeza e orientação durante o trabalho.

À minha mãe, pelo seu apoio sempre.

Aos amigos e familiares que tiveram paciência e carinho comigo.

E ao meu amor,

## RESUMO

Este trabalho buscará analisar o romance autobiográfico *Mémoire de fille*, de Annie Ernaux. Neste estudo buscaremos investigar dois aspectos fundamentais do livro: sua relação com a autobiografia e a relação do corpo, especialmente o corpo feminino em suas vivências únicas. Trata-se de uma obra escrita por uma mulher, sobre ela mesma, em seus anos de juventude passados numa colônia de férias. Lá ela terá suas primeiras relações amorosas e sexuais e, passados 40 anos, a autora decidirá escrever e contar suas impressões, procurando revivê-las e compreendê-las.

Pelo caráter feminino da obra, visto que agora é uma mulher que retém a palavra, nos focaremos em utilizar uma linguagem voltada para o gênero feminino. É importante frisar também que, por ser uma análise realizada por uma outra mulher, me colocarei no “nós”, empregado durante o trabalho.

Palavras-Chave: Corpo. Autobiografia. Literatura Francesa.

## SUMÁRIO

## 1 INTRODUÇÃO

Nascida Annie Duschene em 1940 na cidade de Lillebonne, Annie Ernaux cresceu em uma família simples cujos pais eram operários. Para deixar a usina em que trabalhavam eles decidem abrir um café em Yvetot, na Normandia onde a escritora passa sua juventude. Esse período influenciaria toda sua carreira como escritora e será motivo de reflexão para sua obra. As condições modestas e a falta de identificação com este meio operário a impulsionarão a perseguir seus estudos de forma esmerada no lycée de Jeanne d'Arc em Rouen e na universidade na mesma cidade. Após esse período, Ernaux trabalhará como professora na cidade de Annecy, no *collège* d'Evire.

Em 1974 começaria seus trabalhos literários com o romance *Les armoires vides*. Este livro traria seus primeiros relatos pessoais através do seu olhar de adulta, da mesma forma que o encontramos em *Mémoire de fille*. Na história temos Denise Lesur como personagem principal representando eventos ocorridos na vida de Annie Ernaux, tais como o resgate da infância humilde passada com os seus pais até sua ascensão intelectual quando recebeu uma bolsa para estudar. Neste romance, Ernaux não usa seu nome para designar sua personagem, mas mesmo assim é possível traçarmos um paralelo com sua vida pessoal já que temos parte de sua vida conhecida através de sua biografia.

A experiência de se "recontar" e se "reescrever" usando como instrumento a literatura, também pode ser notada em seus outros livros como *Une femme* onde a escritora recupera as memórias de sua vida como professora e sua relação com a mãe, que sofre de mal de Alzheimer.

No romance *La place*, a autora assume pela primeira vez o *je*, a primeira pessoa, resolvendo dessa forma se mostrar como uma personagem com caráter biográfico iniciando assim seu relato: *J'ai passé les épreuves pratiques du Capes dans un lycée de Lyon, à la Croix-rousse.* Mas uma vez a relação familiar é o tema escolhido e dessa vez será seu pai o personagem central de seu livro.

Seu último romance, lançado em 2016, *Mémoire de fille*, relata seu período de descobertas enquanto jovem. No verão de 1958 somos apresentados à Annie Duschene, com apenas 18 anos e que desfrutará pela primeira vez alguns

momentos de liberdade, afastada do ambiente familiar. Trabalhando como monitora chefe de uma colônia de férias, a jovem se distanciará dos costumes e da repressão familiar exercida especialmente por sua mãe. Sensações simples e cotidianas serão experimentadas pela primeira vez, tais como as refeições no refeitório com seus colegas, o primeiro baile e até mesmo a oportunidade de escolher o que comer e que músicas ouvir.

Apesar das descobertas vividas, típicas da juventude, esse período trará lembranças dolorosas à narradora, que relutará em escrevê-los durante muitos anos. Movida pelo desejo de reestruturar e organizar essas memórias, a narradora usará diversos mecanismos para construir seu relato. Os sucessos musicais da época como Dalida e Billie Holliday, passando por livros importantes que a marcaram e suas anotações feitas na época num diário. O grande mote para o romance é sua paixão pelo monitor chefe da colônia, cuja presença será fundamental para a jovem em suas descobertas sexuais. Ele será o primeiro homem de sua vida, e a marcará profundamente levando-a a pensar de que forma os mecanismos do desejo a constituem.

Observaremos neste trabalho de que forma a autora reconstrói suas memórias através de sua percepção corporal. Quais sentimentos e sensações são descritos enquanto o relato é marcado por detalhes referentes às suas primeiras experiências sexuais e amorosas. Este corpo servirá de fio condutor para compreendermos de que maneira a narradora enxerga essa jovem, primeiramente na colônia de férias e depois, quando Annie D volta para sua cidade. Posteriormente a sua estadia, a jovem começará a refletir sobre o que significa para uma mulher a perda da virgindade, as suspeitas de uma gravidez e de que forma isso afetará sua relação familiar, sobretudo com sua mãe.

Annie D passará por momentos constrangedores na colônia de férias, após a exposição do conteúdo de uma carta que havia escrito, onde escrevia para uma colega contando os momentos vividos com este primeiro amor, nomeado no romance como H. Outros monitores e estudantes da colônia começarão a invadir seu espaço pessoal com investidas, usando como desculpa sua suposta experiência sexual. Esses fatos marcarão a jovem e a farão repensar seus sentimentos, agora carregados de culpa por ter se entregue aos seus desejos.

Revisitando esses acontecimentos após a estadia na colônia, enquanto estuda filosofia no liceu, é que Annie começará a entender melhor os mecanismos reguladores da sociedade que recaem sob as mulheres.

Não podemos deixar de analisar também as questões do romance autobiográfico presentes no romance, visto que toda obra de Annie Ernaux é permeada por fatos de sua vida. De que forma o *je* da narradora se funde com o *elle* distanciado que abrange Annie D. Como sua percepção muda conforme ela se descreve, e revive fatos tão incômodos e dolorosos e de que forma isso reverbera em sua escrita.

Tentaremos apreender sua escrita como uma manifestação de seu corpo, em que "a Annie Ernaux" se posiciona enquanto escritora, narradora e protagonista de seu romance.

Não posso deixar de me coloca aqui, enquanto mulher que resolve pesquisar e analisar um romance escrito por outra mulher. Este livro foi escolhido por contar uma experiência (mesmo que obviamente contenha seus aspectos ficcionais) difícil e complicada (a perda da virgindade) que nos marca e que ressoa por mais que envelheçamos. Por estarmos, portanto, nesta esfera feminina enquanto obra e escritora analisada e também como quem analisa, procurei usar os termos sempre no feminino.

## 2 CORPO

O presente capítulo tem como intuito analisar de que forma o corpo encaixa-se no romance em dois momentos diversos: ora como corpo envelhecido, em que a narradora se observa através do distanciamento em correlação com o relato do livro e ora como o atriz da ação, em que ela é dona de um corpo jovem, como segundo Le Breton: “As representações do corpo são representações da pessoa” (BRETON, 2017, p. 26). Há também o desejo de libertar-se sexualmente após gozar de sua liberdade longe dos pais durante seu trabalho como monitora na colônia de férias.

Um primeiro movimento a ser observado no espaço e tempo é a primeira vez em que Annie D desfruta de certa independência por estar longe da supervisão familiar. Sua postura muda de acordo com seu afastamento e se reflete em seus gestos, em suas roupas e em seus gostos. Sabe-se que a presença dos pais é um fator de influência e controle para qualquer adolescente, sobretudo para uma menina de dezessete anos na década de 50.

É a primeira vez que a jovem viaja para fora de sua cidade natal Yvetot, nas férias. Seus verões são preenchidos com leituras no jardim e no quarto e seus poucos momentos de lazer se resumem à viagem de carro com o pai e ao primeiro baile de carnaval sob a tutela de sua mãe, que vigia seus passos de dança de sua cadeira: “*Elle a dansé pour la première fois il y a trois mois au bal du Carnaval sous la tente installée place des Belges et sa mère la surveillait depuis sa chaise*” (ERNAUX, 2016, p. 26). A atmosfera rígida e sufocante é o que aumenta os desejos da adolescente e lhe traz um sentimento de inadequação típico da idade:

Dresser la liste de ses ignorances sociales serait interminable. Elle ne sait pas téléphoner, n’a jamais pris de douche ni de bain. Elle n’a aucune pratique d’autres milieux que le sien, populaire d’origine paysanne, catholique. À cette distance de temps, elle m’apparaît gauche et empruntée, voire mal embouchée, dans une grande insécurité de langage et de manières. (ERNAUX, 2016, p. 26).

Fazendo comparação com seu “eu” de agora, que narra seu próprio passado, em paralelo com a jovem de certa “*distance de temps*”, temos um movimento contrário de sujeitos que se cruzam porque fazem parte do mesmo corpo, mas que são opostos, construídos pelas suas individualidades e experiências. Em sua juventude os costumes de uma cidade pequena e religiosa formaram o alicerce da jovem Annie D. Suas aparentes relações são compostas pelos membros da família, instituição na qual os costumes e hábitos se impõem e atuam nos diversos níveis de sociabilidade dos sujeitos. O sentimento de inadequação em eventos comuns e típicos da juventude como, por exemplo, a primeira dança num baile e algumas viagens de carro no verão eram seguidas de perto por seus pais, sobretudo pela mãe.

Essa figura materna em eterna vigilância dos acontecimentos da vida de Annie aparecerá em diferentes momentos. Como numa espécie de proteção e controle, sua presença reverbera nos pensamentos da jovem. Cerceada por sua progenitora, ela entende que a viagem para a colônia representaria a liberdade desejada – de se expressar, de, enfim, ser. Contudo, a sua realização não seria sentida de uma maneira plena, visto que seu retorno da colônia causa consequências que serão tratadas adiante. Os espaços onde a jovem se encontra funcionam como gestores de seu corpo: a colônia, com seus colegas e relacionamentos amorosos e sua casa, juntamente com a mercearia de seus pais. Presença constante no estabelecimento o corpo denuncia sua condição social, conforme explica David Le Breton:

A casa e o espaço social tradicional inscrevem o homem em um universo construído sob sua medida. Prolongamento talhado pelo homem através de seu corpo, extensão cultural deste último, sua habitação lhe assegura uma segurança ao mesmo tempo física e moral. (BRETON, 2012, p. 133).

A partir disso, observa-se a forma como é colocada sua presença nesses espaços pela autora: “*Dire : C’est la première fois qu’elle quitte ses parents. Elle n’est jamais sortie de son trou.*” (ERNAUX, 2016, p. 25).

Se levarmos em conta a definição de *trou* pelo dicionário de francês *Larousse* há conotações diferentes como, por exemplo: *Enfocement, dépression, cavité, creux dans une surface*. Ou no sentido *populaire*: *Prison*.

O período transcorrido em Yvetot, morando com seus pais e os ajudando na mercearia, é um espaço de tempo considerado um buraco, em que suas habilidades

sociais não são desenvolvidas. Ao analisar a definição popular, este buraco é visto como uma prisão pela mulher que a descreve e também pela Annie Duschane de antes.

Após retornar do período de férias, há um intervalo de descanso ou hiato da narradora em seu relato. Ela começa a pensar em sua situação atual e como esse processo é sentido por ela, assim como pensa como estão os colegas da colônia e, especialmente, *H*, seu amor de outrora.

Apesar da convivência com a figura materna, sempre poderosa e regente, Annie não encontra o caminho de seu feminino facilmente, deixando explícito seu caráter de mistério. Na infância limitam-na, conforme deixa em evidência a narradora, e é só por meio dos livros que a liberdade será sentida. Essa liberdade é restrita para as mulheres visto que o controle do corpo feminino é maior e passa por uma existência cerceada de mistérios que nos são impostos, mesmo que sejamos as atrizes de nossa existência e não somente agentes passivas das influências do que é julgado e dito pertencente ao feminino. A liberdade, aqui, enquanto jovem que vive sob tutela e supervisão de seus pais e não como liberdade como algo além corpo, conforme explica Le Breton:

Uma literatura abundante e inconscientemente surrealista convida à “libertação do corpo”, proposta que, quando muito, é angelical. A imaginação pode perder-se indefinidamente nesse discurso fantástico no qual o corpo se “liberta”, sem que saibamos bem o que acontece com o homem (seu mestre?) a quem o corpo dá, no entanto, a extensão e aparência. (BRETON, 2012, p. 10).

Usamos como referência para análise o sociólogo francês David le Breton e seus estudos referentes ao corpo enquanto uma construção social, visto que o autor define regras de “civilidade” por meio da corporeidade. Conforme o que já foi exposto anteriormente a ação inicia-se num verão de 1958, período anterior à erupção de diversos movimentos sociais importantes que surgiriam no fim da década de 1960, tais como maio de 68 e a revolução sexual. Antes de começar a se descobrir e se enxergar como mulher com desejos, Annie D deixa pela primeira vez a casa de seus pais e inicia sua transformação de adolescente que encontra a tão desejada liberdade. Livre de olhares e reprimendas filiais, no momento de sua viagem, ela percebe que não está mais sob subordinação alheia. Assim, observam-se mudanças no seu modo de vestir, de pensar e em seus gostos. Nota-se

prontamente no início do livro a visão da narradora a respeito dessa realidade que nos cerca, nos influencia e que nos faz emergir moldado por outrem:

Il y a des êtres qui sont submergés par la réalité des autres, leur façon de parler, de croiser les jambes, d'allumer une cigarette. Englués dans la présence des autres. Un jour, plutôt une nuit, ils sont emportés dans le désir et la volonté d'un seul Autre. Ce qu'ils pensaient être s'évanouit. Ils se dissolvent et regardent leur reflet agir, obéir, emporté dans le cours inconnu des choses. Ils sont toujours en retard sur la volonté de l'Autre. Elle a toujours un temps d'avance. Ils ne la rattrapent jamais. (ERNAUX, 2016, p.11).

Nota-se no fragmento a tomada de consciência da narradora, que procura entender de que forma ela deve se posicionar. Ela afirma estar à frente dos outros e, de certa forma, a primeira parte opera como um preâmbulo de todo o romance. O que resta de Annie D, que permanece na narradora, são apenas as memórias de um tempo já esgotado, mas que deixa marcas que ainda ressoam em sua existência. Nesse jogo entre dois polos há o outro que configura suas experiências do real. Esse outro se faz necessário quando há um corpo feminino, pois o mesmo se constrói a partir do masculino, conforme expõe Simone de Beauvoir:

Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu 'ser-outro'. (BEAUVOR, 1967, p. 22).

Durante o relato fica evidente a forma como Annie é influenciada por aqueles que a cercam, especialmente quando focalizamos sua relação com H. Sua existência individual e coletiva é permeada pelo movimento masculino, que reina absoluto em sua vontade:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída; atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. (LE BRETON, 2012, p. 07).

Ora, se num primeiro momento Annie D se percebe como atriz cujo maior obstáculo para sua realização social é sua mãe, depois seus passos serão

percorridos em direção ao desejo de agradar *H*. Após sua estadia na colônia há um terceiro movimento de transmutação para o outro: o momento em que a jovem decide se modificar fisicamente para reconquistar o amado. Somente quando Annie Ernaux escolhe, depois de muitos anos, reescrever o que aconteceu é que seu corpo é recuperado para si. Durante esse processo ela se percebe e se funde:

Il me semble que j'ai désincarcéré la fille de 58, cassé le sortilège qui la retenait prisonnière depuis plus de cinquante ans dans cette vieille bâtisse majestueuse longée par l'Orne, pleine d'enfants qui chantaient C'est nous la bande des enfants de l'été. Je peux dire: elle est moi, je suis elle. (ERNAUX, 2016, p. 79).

Retomaremos ao final deste capítulo a forma como a escrita será a ferramenta para este resgate. Por ora, observemos as mudanças corporais que Annie D anseia realizar. A escolha de fazer dietas para melhorar a aparência é perpassada por uma noção de vontade controlada. A suposta falta de controle corporal quando ela resolve ceder a seus impulsos é colocada em prova com a escolha de fazer uma dieta. Primeiro a ambição de se tornar mais magra e mais loura, depois a mudança intelectual:

[...]mon journal intime disparu et que je restitue d'autant plus facilement qu'ils ont tous été mis en pratique. Étaient visés: des transformations corporelles: maigrir, devenir aussi blonde que la blonde de S. des progrès intellectuels: travailler méthodiquement la philo et les autres matières en fuyant les conversations du soir dans les boxes l'acquisition de savoirs destinés à combler mon retard social et mon ignorance – apprendre à nager, à danser – ou à manifester une avance certaine sur les filles de mon âge: apprendre à conduire et passer le permis. (ERNAUX, 2016, p. 97).

As mudanças corporais, na visão da personagem, a ajudarão a tornar-se mais desejável e passível de ser amada por *H*. Le Breton discorre sobre esse viés do corpo:

O corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras. (LE BRETON, 2012, p. 28).

Ao acreditar que a falta de interesse romântico por parte de *H* seria resolvida com a mudança da aparência, a personagem idealiza outra forma de beleza fundamentada no padrão do corpo magro e cabelos louros. O jeito ideal de se portar socialmente é um arquétipo ainda não alcançado e que já se evidenciava antes de

sua ida à colônia. A narrativa sugere que os saberes do período não a mudaram significativamente, mesmo após novos momentos corporais e sociais. Todo o projeto é pensado e direcionado à sua mudança, conduzindo-a a outras conclusões que serão encerradas quando a autora resolver se escrever usando a forma escrita como recuperação e renovação de si.

Por ironia, certas mudanças, como a escolha de se dedicar à filosofia, acarretarão outros efeitos distintos dos planejados. Annie D. reflete sobre seu comportamento na colônia e percebe que houve uma anulação de si em relação a H.: *Pour lui plaire, pour me faire aimer, il fallait devenir radicalement autre, presque irreconnaissable. De passif, le rêve était devenu actif.* (ERNAUX, 2016, p.97).

Além das mudanças ensaiadas após a colônia de férias, muitas transições referentes ao feminino ocorrem durante sua estadia enquanto monitora. A menstruação e a virgindade são apresentadas no romance perpassando não somente pelo crivo corporal, mas também como passagens importantes e essenciais para o feminino, como mostraremos adiante.



## 2.1 MENSTRUAÇÃO

O período menstrual age de forma direta na vida da mulher, provocando momento de alívio quando irrompe. Somos as únicas a enfrentar as consequências de seus atos. Seu atraso encadeia uma punição: o medo da gravidez. Esse movimento dúbio do prazer carrega culpa e medo e atrela o desejo ao castigo. A sua falta ou atraso apresentam-se como uma prova contra a mulher, revelando mais do que as palavras e coloca no não dito ações que não foram pronunciadas e reveladas. Na obra, a relação entre mãe e filha se mostra encoberta pela desconfiança a respeito do que se passou na colônia de férias. Se para Annie era o momento de experimentação, para sua mãe uma agitação surge. Quando a menstruação da jovem atrasa, nasce uma movimentação na família:

*Mon sang s'est arrêté de couler dès le mois d'octobre.*

*Malgré sa méconnaissance générale de la reproduction, la fille de 58 en sait assez pour savoir qu'il est impossible qu'elle soit enceinte – elle a eu ses règles après le départ de H – mais elle est incapable de concevoir une autre raison.*

*C'est un samedi, fin octobre, je la vois allongée sur le lit de ses parents, près de la cheminée inutilisée avec un grand cadre de sainte Thérèse de Lisieux au-dessus. Le docteur B, le médecin de la famille, palpe, écoute son ventre sur lequel, au bout du lit, la mère a les yeux rivés. Les acteurs de la scène sont muets, concentrés. Un silence de mort précédant le verdict. Cette scène, qui s'est jouée durant des décennies dans des chambres et des cabinets de médecins, a la puissance d'un tableau inaltérable, comme celui de l'Angélus de Millet avec lequel elle se confond, peut-être à cause des têtes penchées du docteur B et de ma mère. Je ne sais pas à quoi pense la fille, peut-être supplie-t-elle la sainte du cadre. Le docteur B relève la tête, soudain loquace comme s'il tenait à convaincre la mère de l'innocence de sa fille, expliquant que l'aménorrhée, ça s'appelle ainsi chère madame, est fréquente. (ERNAUX, 2016, p. 89).*

Devido ao distanciamento do relato não sabemos o que Annie D. pensava no momento do exame, mas é perceptível sua aflição e a daqueles que a cercam durante a averiguação dos fatos. A gravidez seria mais grave do que uma doença, mesmo sabendo que a jovem não teve relações que acarretariam em uma gestação. As explicações médicas não são apresentadas para acalmar os ânimos de sua mãe, que usará deste atraso para castigar a filha:

Tu ne vas tout de même pas rester comme ça! Ma mère trahissant ses soupçons dans ce chantage ahurissant: Tu n'iras pas au bal de l'École d'Agriculture si tes règles ne reviennent pas!

Je ne crois pas qu'elle me croyait innocente. D'une façon ou d'une autre l'absence de règles lui paraissait le signe d'une culpabilité inconnue, liée à la colonie, sa fille punie par où elle avait péché. Ni elle ni moi n'en parlions à personne, comme une tare invouable. (ERNAUX, 2016, p.90).

O silêncio a respeito do que pode ter acontecido não é quebrado, mas apresenta consequências típicas, como, por exemplo, as aplicadas anteriormente ao momento de partida da jovem para a colônia de férias. A proibição de festas ou de diversão complica ainda mais o relacionamento, marcado pela falta de diálogo entre a mãe, temerosa, e a filha, com sentimento de culpa. Através deste dispositivo corporal, a relação entre mulheres revela outra faceta. Sabendo o que ocasionaria a gestação, por já ter vivenciado este momento, sua mãe pensa que o melhor a fazer é proteger e resguardar a filha. Mas o faz de maneira torta, evidenciando o vazio que há entre muitas mulheres, principalmente quando Annie D não compartilha suas relações sexuais (ocorridas na colônia) com a mãe, por medo de reprimenda e também por falta de intimidade entre as duas

A menstruação surge não apenas como castigo do corpo, mas também como mecanismo denunciador das ações corporais. A repressão do discurso sexual é sentida na conversa entre mãe e filha quando o tema não é abordado de forma explícita. O vazio, como explica Michel Foucault (1984), faz parte de uma postura cotidiana, principalmente em círculos onde a burguesia predominava. A mulher deve ser permissiva com o controle médico sobre seu corpo, mas ao mesmo tempo é a única responsável por se manter intocada e preservada.

Pode-se dizer o mesmo da família como instância de controle e ponto de saturação sexual: foi na família 'burguesa', ou 'aristocrática', que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção. (FOUCAULT, 1984, p.113).

A transição para as mulheres ocorre justamente com a chegada da menstruação. É o momento em que se anuncia a possibilidade ou a maturidade, para a vida sexual, pois pode acarretar uma gravidez, esta uma função exclusivamente feminina. Nesse momento a figura da mãe deveria se apresentar como um conforto para a filha, mostrando as mudanças que se manifestam no corpo

feminino. Através da reação da mãe de Annie D. é possível perceber que os momentos de cumplicidade não são recorrentes e ameaçam a relação das duas. Acerca disso, Beauvoir expõe: “Ver-se-á adiante quanto são complexas as relações entre mãe e filha; a filha é para a mãe ao mesmo tempo um duplo e uma outra, ao mesmo tempo a mãe adora-a imperiosamente e lhe é hostil. (BEAUVOIR, 1967, p. 23).

O atraso menstrual poderia engajar uma nova feição para o relacionamento das duas, mas revela a dificuldade feminina em lidar com as próprias mudanças corporais. A ausência de compreensão sobre o que acontece ao corpo da filha revela seu próprio desconhecimento pessoal e nos move para outra esfera relacional. Elas se reconhecem enquanto mulheres, mas se repelem por motivos que fazem parte de suas próprias condições. Não há identificação com o outro, que enseja uma aproximação, há apenas uma visão punitiva:

Assim como o pênis tira do contexto social seu valor privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição. Um simboliza a virilidade, a outra a feminilidade. E é porque a feminilidade significa alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo. A vida da menina sempre lhe apareceu como determinada por essa impalpável essência a que a ausência do pênis não conseguia dar uma figura positiva: é esta que se descobre no fluxo de sangue que lhe escorre entre as coxas. (BEAUVOIR, 1967, p. 56).

É fácil notar a disparidade que há entre a corporeidade masculina e a feminina. Entre as mulheres a menstruação é vista como um momento de desconforto, que nos reprime e aprisiona. Não há equivalência com desejo, embora seja o que permite a gravidez. Ela é cercada de mistério e evitam anunciá-la. Cercada de mistério para os homens, é vista como guia para a gravidez.

No rapaz, os impulsos eróticos só confirmam o orgulho que tira de seu corpo: neste ele descobre o sinal de sua transcendência e de seu poder. A moça pode conseguir assumir seus desejos, mas eles permanecem o mais das vezes vergonhosos. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço. A desconfiança que, desde menina, ela sentia em relação a seus ‘interiores’ contribui para dar à crise menstrual o caráter suspeito que a torna odiosa. É pela atitude psíquica que suscita que a servidão menstrual constitui um pesado *handicap* (BEAUVOIR, 1967, p. 70, grifos da autora).

Essa servidão, como explicita Beauvoir, é descrita no romance quando Annie D. fica exposta para a família por causa de seu atraso menstrual. Não há saída para

esse tipo de acontecimento no corpo feminino, ele traz preocupação e não permite controle. Antes do advento da pílula a mulher não tinha como controlar seu período e muito menos interrompê-lo. A modernidade facilita esse processo quando permite sua interrupção, mas também acentua seu caráter negativo. Seja qual for o motivo, médico ou psicológico, para a situação na qual se encontra a jovem, a corporeidade mais uma vez servirá como ônus para as mulheres e uma âncora para suas vontades. Quando esse impedimento não é regido pelas relações ele poderá ocorrer se houver um afastamento do corpo feminino, muitas vezes suscitado pelas mulheres.

## 2.2 VIRGINDADE

A virgindade, questão que gera muito conflito no romance, se apresenta como um dos aspectos fundamentais na iniciação da prática sexual para a mulher. De um lado há a vontade do novo, do saber que transporta à outra dimensão do feminino. De outro, há a maneira como isso é apreendido socialmente e a forma como enaltece esse rito de passagem. Sobre este aspecto Yvone Knibiehler (2016) expõe que

[...] a virgindade é um belo exemplo de interação contínua entre natureza e cultura. Distinção social, moral e simbólica de importância maior, ela carregou (e ainda carrega) uma carga afetiva e emocional intensa (KNIBIEHLER, 2016, p. ).

Desde sua jornada rumo à colônia de férias, Annie D tem consciência de que este momento seria inevitável. Com medo e ansiedade, ela começa a refletir sobre as consequências da perda de sua virgindade. Ao mesmo tempo em que ela fantasia sobre o amor, há uma mescla entre o desejo e o medo: o desejo de se tornar mulher e se sentir plena em suas experiências e o medo de perder algo. No francês o termo *perdre* (perder), que é utilizado para se referir ao ato, manifesta esse sentido. Para a mulher há a perda de algo que lhe parece intrínseco, pois isso pesa como um fardo por toda condição enquanto jovem. Mesmo que se ganhe na prática, perde-se algo simbólico que era categorizado em outra esfera do desejo. Há um movimento de

dúvida, para a personagem e para os leitores, em relação à virgindade da jovem, que permeia o romance:

Ma mémoire échoue à restituer l'état psychique créé par l'imbrication du désir et de l'interdit, l'attente d'une expérience sacrée et la peur de « perdre ma virginité ». La force inouïe du sens de cette expression est perdue en moi et dans la plus grande partie de la population française. (ERNAUX, 2016, p. 30).

Combinando o proibido com o esperado, Annie D. desenha uma imagem de insegurança e medo, contemplando na narrativa algo típico do feminino. Para os rapazes a experiência é repleta de descobertas e reafirmação da masculinidade, pois isso os torna de certa forma homens. Para a mulher, ela representará um novo estágio do feminino, simultaneamente à presença da dor, de uma suposta gravidez e, por fim, de uma perda. Para Knibiehler (2016) essa disposição da virgindade não traz uma liberdade ilimitada:

Agora, qualquer garota pode escolher as condições e circunstâncias de sua defloração [...] Não é apenas o corpo que está em jogo; ele é só um suporte. Mesmo aparentemente dessacralizada, dessocializada, a defloração ainda guarda, neste começo de século, as características de um rito de passagem. É um limite a ser transposto cuja significação simbólica continua a ser considerável: adeus à infância, entrada na vida adulta, confirmação da identidade feminina. (KNIBIEHLER, 2016, p. 193).

Enquanto jovem a necessidade e a curiosidade de viver tal experiência imperam junto ao medo e à insegurança devido às “consequências” que a primeira relação sexual causa ao corpo feminino. Risco de gravidez, de julgamentos morais, medo da repressão familiar e dos comentários maldosos, que no caso da personagem tomarão conta de toda a sua estadia na colônia de férias. Importante lembrar que o surgimento da pílula ocorreu em 1960, somente dois anos após os acontecimentos do romance. O método contraceptivo utilizado na época e mencionado no relato é o de *Ogino*, mais conhecido como tabelinha, em que a mulher acompanha seu período fértil, evitando ter relações sexuais nesses dias:

Cet acte mystérieux qui introduit au banquet de la vie, à l'essentiel – mon Dieu, ne pas mourir avant – et sur lequel pèsent l'interdit et l'effroi des conséquences en ces années Ogino, les pires en ce qu'elles font miroiter la tentation de huit jours de « liberté » par mois juste avant les règles. (ERNAUX, 2016, p. 30).

O método fornece maior controle sobre a gravidez e o corpo, mas transfere toda a responsabilidade para a mulher, não trazendo garantias absolutas de que realmente serviria para evitar uma gestação indesejada, pois o ciclo pode não ser confiável. Assim, resta como última alternativa escolher permanecer virgem, e desta forma evitar uma gravidez. A partir disso, percebe-se no romance que Annie experimenta o sexo de outras formas que não exclusivamente a penetração, justamente por medo das diversas consequências.

As primeiras experiências com o monitor chefe são repletas de momentos de prazer exclusivamente masculino. As tentativas de penetração não são conduzidas e pensadas com o cuidado esperado pela mulher, principalmente pela condição biológica feminina, cujo rompimento do hímen acarreta desconforto e dor.

O corpo masculino se apresenta aqui como elemento fundamental e estruturante de todo o sexo. Ele recebe o que deseja, manipulando a jovem para atingir seu prazer. Durante a ação é ele quem fica em evidência:

*Ils sont dans sa chambre à elle, dans le noir. Elle ne voit pas ce qu'il fait. À cette minute, elle croit toujours qu'ils vont continuer de s'embrasser et de se caresser au travers des vêtements sur le lit. Il dit « Déshabille-toi ». Depuis qu'il l'a invitée à danser, elle a fait tout ce qu'il lui a demandé. Entre ce qui lui arrive et ce qu'elle fait, il n'y a pas de différence. Elle se couche à côté de lui sur le lit étroit, nue. Elle n'a pas le temps de s'habituer à sa nudité entière, son corps d'homme nu, elle sent aussitôt l'énormité et la rigidité du membre qu'il pousse entre ses cuisses. Il force. Elle a mal. Elle dit qu'elle est vierge, comme une défense ou une explication. Elle crie. Il la houspille : « J'aimerais mieux que tu jouisses plutôt que tu gueules. (ERNAUX, 2016, p. 43).*

Quando ocorre um sangramento durante sua última noite com H, acredita-se que o ato foi consumado, porém, por falta de conhecimento por parte dele e inexperiência por parte dela o mesmo não ocorre. No ato ela aceita a falta de orgasmo e de prazer. Para H, estes momentos só ocorrem após a mulher ter tido sua primeira gestação. Acreditava-se nisso devido ao fato de que no período da gestação a mulher possui mais facilidade para o orgasmo. Nesse sentido o sexo é visto como apenas reprodutor e gestacional quando praticado pela mulher.

Prazer adiado, atrelado e permitido só após a maternidade, como se os meios explicassem o fim e só dependessem dele mesmo. O malogro da relação sexual será explicado por sua condição feminina, como se Annie não fosse um ator participativo. É possível verificar isso através de sua postura passiva e condicionada enquanto mulher, que sente satisfação em ser desejada. Da mesma forma se

verifica isso na figura de seu companheiro que não concebe a possibilidade de a mulher almejar e sentir prazer.

Há associação, também, do momento sexual com os interesses românticos. Para a jovem eles caminham juntos, e uma entrega de sua virgindade representa também um envolvimento amoroso com H. Quando ela assume que perdeu a virgindade se sente mais próxima dele. Através do sangue encontrado em sua calcinha ela agora se torna amante dele:

Elle ne veut pas se coucher. Elle ne doit pas dormir quand il viendra à l'aube. Elle est seule, sa coturne est de dortoir. Elle découvre des traces de sang dans le fond de sa culotte. Bonheur indicible. Elle décide que son hymen est déchiré, qu'il l'a déflorée même s'il ne l'a pas pénétrée. Le précieux sang, la preuve, le stigmate, qu'il faut conserver dans le placard sous les vêtements. L'après petite nuit commence, la douce nuit de l'imaginaire. H est, cette fois, réellement, son amant. Son amant de toute éternité. Joie, paix, le don de soi est accompli. Le ciel et la terre passeront mais cette nuit ne passera pas. (ERNAUX, 2016, p. 72).

Para Annie, sua conexão com H se intensifica após o momento em que ela o credita como responsável pela desvirginização. Mesmo sabendo que houve apenas uma tentativa e não realmente a concretização do ato, a jovem identifica seu objetivo como realizado: a perda da virgindade. Ainda que identifique certo companheirismo e felicidade neste momento, a relação entre os dois é marcada pelas atitudes impostas por H. Ele impõe sua força, mesmo que ela sinta dor, pois acredita haver consentimento devido ao fato de ela ter aceitado ir para o quarto com ele. Essa licença se espalha para todo o corpo e lhe dá acesso para tentar outras práticas que ultrapassam o consentimento. Ele aceita recuar pelo fato de que o corpo da jovem, não “facilita” seus movimentos: *“Il n’y a pas eu de caresses préliminaires – notion inconnue – il force en vain. Peut-être dit-il à nouveau « je suis trop large », après la fellation qu’elle lui a faite de son plein gre.* (ERNAUX, 2016, p. 72).

H mantém controle sobre o corpo de Anne por ela ter aceitado suas investidas. Ele age como se isso fosse um direito já tomado, mas não a concebe como sua parceira nessa liberdade oferecida. Ela é ignorada em todos seus encontros sexuais, servindo apenas como um aporte para seu prazer: *Elle dit qu’elle ne veut pas, qu’elle est vierge. Aucun orgasme jamais.* (ERNAUX, 2016, p. 60)

Apesar de tudo, Anne ainda permanece virgem e utiliza-se dessa circunstância para manter o controle de seu corpo. Mesmo tendo permanecido virgem ela enfrenta as investidas dos outros jovens da colônia, devido ao fato de ter

se entregue a H. Ele abriu uma espécie de precedente para outros homens se aproximarem dela e o que a fazia sentir-se desejada. Mas este desejo só existe através do outro e pelo outro, nunca para ela. O desejo feminino se concretiza por meio da vontade de ser escolhida pelos outros.

Não há escolha consciente sobre o que a satisfaz, mas é somente em razão da escolha do outro que isso é realizado, é a *ignorance absolue* (ERNAUX, 2016, p. 30), conforme ela expressa. Ignorância que não deriva de sua idade, mas de sua posição feminina.

Depois de ter sido “iniciada” na vida sexual por H, *la fille* começa a se relacionar com outros homens da colônia de férias. Cientes de que ela já havia se deitado com ele, esses rapazes se sentem no direito de abordá-la de forma hostil, levantando sua saia e se aproveitando de sua suposta “abertura” e liberdade sexual.

Elle est fière d'être un objet de convoitise et la quantité lui paraît la preuve de sa valeur séductrice. Orgueil de la collection. (Attesté par ce souvenir précis: après avoir embrassé dans un champ un étudiant de chimie en vacances à S, me vanter auprès de lui du nombre de flirts que j'ai eus à la colonie). Aucun délai de coquetterie, de remise à plus tard du désir qu'elle a de leur désir. Ils vont droit au but, ils s'y croient autorisés par sa réputation. Ils soulèvent la jupe ou défont la fermeture éclair du jean en même temps qu'ils l'embrassent. Trois minutes, entre les cuisses, toujours. Elle dit qu'elle ne veut pas, qu'elle est vierge. Aucun orgasme jamais. (ERNAUX, 2016, p. 60).

A virgindade é entendida como uma proteção devido à forma como é pensada e, também, devido ao status que ela mantém socialmente. Mas isso não impede as investidas masculinas, sobretudo pelos colegas da colônia já terem conhecimento de que ela já se deitou com outro homem. H. funciona como uma espécie de permissão silenciosa masculina, colocando mais uma vez o desejo de Annie como inexistente.

As indagações de Annie a respeito do ato sexual possuem fundamento, pois não se configuram em significado para ela. Quando há a tentativa de recuperar o que foi sentido fisicamente, não há nada, apenas as memórias do desejo masculino que imperam em sua lembrança. Não temos sensações corporais suficientes. Só há a sensação de desempenhar papéis e funções. O corpo é o centro de consulta para a construção do relato, pois nele encontramos o trabalho de individualização. A lembrança da dor, os carinhos, os beijos, os gestos e, principalmente, a falta de

orgasmo são os recursos utilizados pela narradora para explicitar essa descoberta sexual. Sobre esses recursos, Le Breton explica que

[...] o corpo torna-se refúgio e o valor último, aquilo que fica quando os outros se tornam evanescentes e toda relação se faz precária. O corpo permanece a âncora, única suscetível de fixar o seu jeito em uma certeza, ainda provisória certamente, mas pela qual ele pode se reatar a uma sensibilidade comum, encontrar os outros, participar do fluxo dos signos e sentir-se sempre capaz de atuar numa sociedade na qual reina a incerteza. (LE BRETON, 2012, p.188).

Nota-se entre os rapazes que a abordam uma pressuposta garantia de aquiescência. Não há flerte ou jogo de sedução em que se busca a conquista. Em algum momento isso se perde e, além da invasão de espaço, eles acabam se aproveitando dela por imaginarem que ela possui experiência e que isso significaria uma aquiescência imediata:

Elle passe de l'un à l'autre, ne s'attache à aucun, pas même à Pierre D, qu'elle a rejoint plusieurs nuits dans le grand dortoir des garçons dont il assure la surveillance depuis une loge munie d'une petite fenêtre et qui lui a dit – c'était le premier – « je t'aime » et elle a répondu  
 — Non, c'est seulement du désir.  
 — Si, Annie, c'est vrai, je t'assure.  
 — Non. (ERNAUX, 2016, p. 60).

Mesmo associando o prazer com amor Annie diferencia disso o que Pierre D afirma sentir por ela. Suas diversas noites juntos não despertaram sentimentos. Ela se afasta de suas expectativas românticas como fazia em relação à H e assume a autonomia de seu desejo, o direito de continuar experimentando e fazendo sexo com outros rapazes. O que importa neste momento é se sentir desejada. Sua valoração sexual é medida pela quantidade de homens que a escolhem e por quem ela aceita como parceiro. Com Pierre ela percebe que o amor não está sempre atrelado ao sexo e assume uma posição consciente sobre sua descoberta sexual. Ela percebe que nem sempre os sentimentos deverão reger o sexo e será através de Pierre que ela terá consciência disto.

Annie prossegue com uma maior compreensão sobre o significado do desejo masculino. Além das evidências físicas relatadas por ela, o comportamento compulsório dos homens em relação ao seu corpo revela uma estrutura social que não beneficia uma mulher que persegue suas vontades. É importante lembrar que Annie tinha um claro propósito antes de chegar à colônia de férias: a descoberta

sexual e por consequência a perda de sua virgindade. O prazer experimentado por ela é revisitado após o fim desse período, quando há o retorno à sua vida normal. Agora, estudante do Liceu, Annie se debruça sobre os estudos filosóficos e lê Simone de Beauvoir. *O segundo sexo* (1949) se torna um livro significativo para sua formação enquanto estudante, mas traz, também, novas indagações sobre suas experiências na colônia de férias. O que Simone de Beauvoir apresenta em sua obra a respeito da posição histórica da mulher possui relação com os fatos narrados por Annie Ernaux.

Acerca disso, compreendemos melhor o impacto desta leitura para a personagem. É essa referência intelectual feminina que a faz rever, de maneira mais racional e menos romantizada, o que aconteceu na colônia. No Liceu, as obras estudadas tornam-se o foco para compreensão feminina, já que em sua casa não haveria espaço para essas discussões. Em uma de suas leituras a personagem cita a relação entre Violette Leduc e a escritora Simone de Beauvoir:

Le 20 juillet 1958, Violette Leduc rencontre René Gallet, trente-cinq ans, coffreur dans le bâtiment: « C'était mon premier orgasme à cinquante ans, celui qui me ramenait irrésistiblement parmi les hommes et les femmes qui jouissent l'un de l'autre », écrit-elle dans *La chasse à l'amour*. En septembre, elle emmène René à Honfleur et à Étretat. Le 21 octobre, elle écrit à Simone de Beauvoir « René Gallet n'a pas écrit, il n'est pas venu, ce qui m'avait été donné m'a été repris tout de suite. Je désire mourir ». Elle s'enfonce de plus en plus dans la douleur. Toujours à Simone de Beauvoir, en décembre « C'est lui que je souhaite et je souhaite l'impossible » et « je vais abandonner la littérature ». La relation se délite, jusqu'à sa fin totale au printemps 1959. (ERNAUX, 2016, p. 91).

A situação relatada por Violette Leduc faz com que Annie D. se identifique, pois ocorre no momento em que ela não havia conseguido superar a paixão por H. Além do contato da estudante com diversos autores e obras, significativos para sua formação, não é somente isso que se sobressai, mas também a identificação da personagem enquanto mulher, que sofre com os conflitos de desejo e paixão, com as autoras:

Lire ces choses me bouleverse. Comme si la fille de dix-huit ans, qui remontait le boulevard de l'Yser dans le hurlement de la foire Saint-Romain à l'automne 58, seule et désespérée, l'était moins – presque sauvée même – parce que ces femmes – dont elle ignorait alors jusqu'au nom – étaient plongées au même moment dans la déréliction. Étrange douceur de la consolation rétrospective d'un imaginaire qui vient reconforter la mémoire, briser la singularité et la solitude de ce qu'on a vécu par la ressemblance,

plus ou moins juste, avec ce que d'autres ont vécu au même moment. (ERNAUX, 2016, p. 91).

No liceu a relação da personagem com as colegas é restrita e sem intimidade, pois ela encontra pouca empatia e abrigo junto às meninas com quem estuda. Em sua casa a situação é ainda mais caótica, uma vez que sua mãe é extremamente preocupada com sua reputação. Em relação a isso, faz-se necessário lembrar que nem sempre uma mulher que assume e persegue os seus desejos é bem vista, especialmente nos anos 50.

O processo de identificação com as escritoras resulta na reflexão sobre sua postura e, principalmente, sobre o comportamento dos homens com quem ela se relaciona. Se antes o fato de ter vivido diversos momentos sexuais eram celebrados, pois a tornava um objeto de desejo de outrem, agora produz vergonha e vontade de esquecer: *Il me semble au contraire que cela s'accordait à ma volonté d'oubli de H et de la colonie, à la honte, depuis la philo et Beauvoir, d'avoir été « objet sexuel »*. (ERNAUX, 2016, p. 135).

Avec cette image, je voulais suggérer la sensation d'étirement du temps et d'engluement de l'acte sexuel. Si je me réfère au roman très court que j'ai rédigé deux ans plus tard et qui est la poursuite de ce début, ce n'est pas la réalité de mon histoire avec H que je veux raconter, c'est une manière de ne pas être au monde – de ne pas savoir s'y comporter. Quelque chose d'immense et de flou qui explique peut-être que je n'ai pas continué les jours suivants, remettant sans doute à ma future vie d'étudiante en lettres (ou en philosophie, j'hésitais à cause de Beauvoir) la réalisation de mon roman. (ERNAUX, 2016, p. 143).

### 3 CORPO DE ESCRITA

A partir deste momento, Annie confunde-se com a narradora que se distancia dos acontecimentos. Temos a presença de um novo corpo sentido através da escrita. Com a palavra, Annie Ernaux organiza o tempo de sua juventude, sua experiência corporal e a transforma num corpo de escrita. Antes seu prazer e sua vontade eram guiados pelos outros, sem reflexões a respeito de seu comportamento enquanto mulher. Era o condicionamento social que batia de frente com seus desejos. Não havia na descrição um poder total e vigente, isso só é alcançado através de seu relato. Annie revela um terceiro corpo como ato de resistência e afirmação da posse de suas vontades, um corpo de escrita onde a sua força será imbricada e relevada:

Je l'avais sans doute déjà faite dans mon agenda de 1958, que ma mère a brûlé à la fin des années 60 en même temps que mon journal intime, certaine d'œuvrer ainsi à mon salut social en détruisant les traces de la mauvaise vie de sa fille devenue prof de lettres, « bien » mariée et mère de deux enfants – sa fille, sa fierté, sa colère, son œuvre. La vérité a survécu au feu. (ERNAUX, 2016, p. 61).

Quando os diários de Annie são queimados há a tentativa de apagamento da memória e de negação por parte de sua mãe. Na mentalidade da mãe aquilo que aconteceu só é verdadeiro se existe algum registro formal, ou seja, a narração dos dias de Annie como monitora. Com a escrita do romance, Annie Ernaux retoma o controle de sua memória, de seu corpo e enfrenta a si mesma. A confissão de tudo o que passou é doloroso, pois assinala as humilhações sofridas em momentos cruciais de sua jornada. A forma escolhida para organizar suas memórias é revivê-las como escritora. As marcas ressoam em seu corpo, nos diários de sua época de juventude e, agora, no romance:

Si j'accepte de mettre en doute la fiabilité de la mémoire, même la plus implacable, pour atteindre la réalité passée, il n'en demeure pas moins ceci : c'est dans les effets sur mon corps que je saisis la réalité de ce qui a été vécu à S. (ERNAUX, 2016, p. 89)

Apesar da tentativa de sua mãe de estragar o que passou, as marcas ressoam em sua mente, nos sentimentos e sob efeito corporal. A escrita feminina surge como um enfiamento de si e do passado. Conforme explica Hélène Cixous:

Il faut que la femme s'écrive : que la femme écrive de la femme et fasse venir les femmes à l'écriture, dont elles ont été éloignées aussi violemment qu'elles l'ont été de leurs corps; pour les mêmes raisons, par la même loi, dans le même but mortel. Il faut que la femme se mette au texte – comme au monde-, et à l'histoire -, de son propre mouvement. (CIXOUS, 2010, p. 37).

Cixous retoma a importância da escrita para o redescobrimto, combatendo o “afastamento” forçado e imposto que percorre a escrita e o corpo. Escrita, pois a história nos revela a predominância masculina nos cânones e no domínio corporal, enquanto o corpo feminino se mantém em segundo plano. Se na colônia de férias Annie D tinha seu prazer ignorado e vivia um prazer ilusório, se contentando com o alicerce masculino, aqui, ela retoma seu *corps confisqué*, conforme alude Cixous (2010). Este episódio que faltava na escrita de Annie Ernaux é apresentado como uma lacuna em sua existência, perseguindo-a enquanto escritora. Se durante o ano de 1958 *la fille* não encontra o que procurava no âmbito sexual, é na escrita que esse processo ocorre:

Écrire, acte qui non seulement 'réalisera' le rapport dé-censuré de la femme à sa sexualité, à son être femme, lui rendant accès à ses propres forces qui lui rendra ses biens, ses plaisirs, ses organes, ses immenses territoires corporels tenus sous scellés; qui arrachera à la structure surmoï dans laquelle on lui réservait toujours la même place de coupable (coupable de tout à tous les coups; d'avoir des désirs, de ne pas en avoir). (CIXOUS, 2010, p. 46).

O conhecimento em filosofia, apreendido no Liceu, permite e dá acesso à reflexão de si e serve como ferramenta para iniciar o processo de escrita: “*C'est fou ce que la philo peut nous rendre raisonnable. À force de penser, de répéter, d'écrire qu'autrui ne doit pas nous servir de moyen mais de fin, que nous sommes rationnels.*”. (ERNAUX, 2016, p. 92).

Por meio da possibilidade escrita, da capacidade discursiva, adquirida enquanto estudante e depois aprimorada quando escritora, Annie Ernaux consegue vencer suas próprias barreiras e se coloca como elemento de auto-análise durante toda sua obra. Há um distanciamento entre ela e a menina que um dia foi e,

portanto, cabe aqui uma segunda análise de linguagem para tentarmos entender melhor esse corpo de escrita.

### 3.1 ESCRITA E O ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO

Neste capítulo pretendo analisar o aspecto autobiográfico presente no livro, visto que a obra de Annie Ernaux sempre abordou temas de sua própria vida. A própria estrutura do romance nos leva a pensar em fatos verídicos, já que podemos verificar facilmente as informações contidas no relato, como sua idade, local de nascimento e profissão. Segundo Gasparini:

*Dans son acception administrative et policière il désigne les nom, prénoms, date et lieu de naissance, adresse, qui figurent sur la carte d'identité. Cette identité caractérise, en principe, chacun d'entre nous de façon immuable.* (GASPARINI,2004, p.45)

O fato de ter escolhido manter sua “identidade” de escritora, durante o relato mostra o pacto de confiança que Ernaux procura estabelecer com o leitor. Diferente de suas obras anteriores onde devíamos encontrar as semelhanças com sua vida, como em *Ce qu'il disent ou rien*, em *Mémoire de fille* a escritora nos entrega sua identidade sem rodeios. Esse movimento de revelação construído pela autora, é essencial para concebermos o funcionamento do livro. Durante o romance acompanhamos os questionamentos deste *Je*, que sempre se analisa perante o leitor. A cada episódio contado, uma lembrança é revivida através do pronome *Elle*, e evoca uma autoanálise da narradora. Esse dispositivo aproxima leitor e obra e transmite veracidade ao romance autobiográfico. Segundo Gasparini: *Nous n'avons plus affaire à des éléments biographiques factuels, publics et vérifiables, mais à une symbolique affective qui est d'ordre intime, donc invérifiable* (GASPARINI,2004, p.50)

Não podemos ler o romance sem pensarmos nesses dados autobiográficos de Annie Ernaux, como a semelhança com o nome da personagem do romance, Annie D. Numa leitura rápida a respeito da biografia da escritora, descobrimos que

seu nome de batismo é Annie Duschane. Há uma confirmação dessas semelhanças explicada pela própria narradora:

Plus je fixe la fille de la photo, plus il me semble que c'est elle qui me regarde. Est-ce qu'elle est moi, cette fille? Suis-je elle? Pour que je sois elle, il faudrait que je sois capable de résoudre un problème de physique et une équation du second degré [...] je m'appelle Annie Duchesne (ERNAUX, 2016, p. 20)

Segundo Philippe Gasparini em *Est-il je?* quando somos apresentados a uma obra que nos remete à biografia do escritor, devemos nos perguntar: “*Est-ce l’auteur qui raconte sa vie ou un personnage fictif?*” (GASPARINI, 2004, p.45). Essa questão é esmiuçada pela narradora, que tenta recuperar suas lembranças do verão de 58. Ela sabe que o processo de organização do relato é dificultado pela organização da memória e somado a isso há a necessidade de que o processo de escrita seja coeso e compreendido pelos leitores. Temos uma narradora que recupera a palavra e explica seu projeto de romance. Suas indagações dão os sinais necessários para que percebamos que *Mémoire de fille* não é totalmente uma ficção, mas sim um projeto maior como escritora, numa tentativa de se reescrever e de se reconhecer durante o processo.

L'idée que je pourrais mourir sans avoir écrit sur celle que très tôt j'ai nommée «-la fille de 58-» me hante. Un jour il n'y aura plus personne pour se souvenir. Ce qui a été vécu par cette fille, nulle autre, restera inexplicé, vécu pour rien. Aucun autre projet d'écriture ne me paraît, non pas lumineux, ni nouveau, encore moins heureux, mais vital, capable de me faire vivre au-dessus du temps. Juste «-profiter de la vie-» est une perspective intenable, puisque chaque instant sans projet d'écriture ressemble au dernier. (ERNAUX, 2016, p. 18).

Esse *projet d'écriture* suscita uma apreensão sobre o que será lido e a respeito do teor do romance, pois teremos três “Annies” durante o relato. Mergulhamos enquanto leitores numa esfera pessoal da escritora, que se coloca como protagonista e narradora de si mesma. A reflexão feita por Annie Ernaux sobre a importância de escrever sobre o que passou nos revela seu lado enquanto escritora, depois temos sua narrativa que será organizada em terceira pessoa (*Elle*), tomando distância através do discurso indireto, e há também os momentos de reflexão que surgem no desenvolvimento do romance e desvelam o *Je*. Como explica Gasparini: [...] *le protocole propre à l'autobiographie est fondé sur l'identité onomastique de l'auteur, du narrateur et du personnage* (GASPARINI, 2004, p.19). A

escolha da autora pelo pronome em terceira pessoa (*Elle*), deriva do fato de que ela mesma não se identifica com aquela menina que será contada. A distancia do relato pode ser um fator que explicaria essa falta de identificação, considerando que a narrativa foi escrita 40 anos após os acontecidos. Dessa forma, o pronome *Elle* coloca a personagem afastada da narradora, e facilita o relato, pois permite reflexões sem um envolvimento. O que une essas duas “pessoas” (a que se narra e a de 58), são as vivências que permanecem na memória, mas que podem obviamente estar já modificadas. Nisso reside a dificuldade de ler e analisar o romance. A própria narradora não se reconhece naquela menina, porém sabe que elas são a mesma pessoa:

La fille de la photo n'est pas moi mais elle n'est pas une fiction. Il n'y a personne d'autre au monde sur qui je dispose d'un savoir aussi étendu, inépuisable, qui me permet de dire, par exemple, que elle est allée pour la photo d'identité chez le photographe de la place de la Mairie avec sa grande copine Odile, [...] (ERNAUX, 2016, p. 20).

Essa troca de vozes, que permeiam a narrativa, proporciona o distanciamento necessário para a narradora. Sabemos que o conteúdo do romance tem como partida as primeiras experiências sexuais de Annie D. Essas, contudo, não são lembranças fáceis e indolores para a narradora. Perseguida durante anos pela necessidade de escrever o que aconteceu e de tentar entender o que seu passado significou, ela se coloca à distância de si através do pronome *Elle*. Como explica Gasparini:

[...] le récit em troisième personne peut distribuer les mêmes indices d'identité de l'auteur avec le héros que le récit en première personne. Mais il possède un handicap; il lui est beaucoup plus difficile de respecter la focalisation interne, c'est à dire de restreindre son point de vue à ce que voit le héros, à ce qu'il sent, à ce qu'il comprend. Le style indirect maintient le personnage dans un lien étroit de subordination au narrateur (GASPARINI, 2004, p. 146).

Analisaremos a obra pelo prisma de romance autobiográfico, tomando como base os critérios estabelecidos por Gasparini:

Ce genre regroupe à mon avis tous les récits qui programment une double réception, à la fois fictionnelle et autobiographique, quelle que soit la proportion de l'une et de l'autre. Dans cette optique, le degré de véridicité des textes importe peu. C'est la richesse rhétorique des procédés de double affichage qui devient, à l'intérieur de cette classe de récits, un critère de classement et d'appréciation. (GASPARINI, 2004, p. 14)

Essa forma de estudar o romance facilita a forma como interpretaremos a ação na obra. Sabemos que é impossível acreditar na fiabilidade da palavra da autora e narradora, pois já se passaram mais 40 anos desde o ocorrido. A memória coloca em dúvida a veracidade do que sentimos, porém fornece um indício de como somos e o que sentimos. A narradora explica que sempre foi perseguida por esse verão e que deveria confrontá-lo mesmo que isso significasse reviver o que foi doloroso. Tomaremos estas sensações e dificuldades descritas pela narradora, como não apenas um relato ficcional, mas também como uma experiência real.

C'est la dernière fois que j'ai mon corps. J'ai continué d'écrire tous les jours, rapidement, en tâchant de faire coïncider exactement la date du jour où j'écrivais avec celle du jour de 1958, dont je consignais en désordre tous les détails qui resurgissaient. C'était comme si cette écriture-anniversaire quotidienne, ininterrompue, était la plus à même d'abolir l'intervalle des quarante-cinq années, comme si, à cause de ce «-jour pour jour-» des dates, l'écriture me donnait un accès à cet été-là aussi simple et direct que de passer d'une pièce à l'autre.

Très vite j'ai pris du retard sur les faits dans mon écriture, à cause des ramifications incessantes que l'afflux des images, des paroles, faisait proliférer. Je n'arrivais pas à enfermer le temps de l'été 58 dans l'agenda de 2003, il me débordait continuellement. Plus j'avanciais, plus je sentais que je n'écrivais pas vraiment. Je voyais bien que ces pages d'inventaire devraient passer dans un autre état mais je ne savais pas lequel. Je ne le cherchais pas non plus. Je restais, au fond, dans la pure jouissance du déballage des souvenirs. Je refusais la douleur de la forme (ERNAUX, 2016, p. 17).

Esta dificuldade da narradora de se colocar no papel, de enfrentar o que aconteceu, diferencia esta obra de um romance meramente ficcional. Ela expõe sua vida, seus traumas, e será através da escrita que seu passado e emoções retornarão. A relevância das datas, do ano e de se situar no calendário nos conduz à sua vida privada. Não há uma tentativa por parte da escritora de confundir os leitores, ou de esconder algo pertinente somente para se adaptar à escrita.

Em *Mémoire de fille* não é diferente, a começar pelo título que nos remete a um gênero típico da autobiografia, no caso, as Memórias. O romance conta um momento específico na vida da jovem de 18 anos, Annie D. Suas experiências de juventude que começam no ano de 1958 explicam o *fille*, presente no nome do livro. O fato da autora ter escolhido escrever um livro intitulado *Mémoire de Fille* não pode ser ignorado. Como explica Gasparini:

Sa fonction est de créer une attente du lecteur, [...], le Roman autobiographique perfectionne encore cette technique de reproduction en investissant subrepticement des nids, c'est-à-dire des genres, déjà colonisés

par la fiction – la lettre, le journal, le testament, la confession, les Mémoires (GASPARINI,2004, p.64).

A escolha da autora para o gênero Memórias, tem como função afunilar o período da narrativa. Ela explica que este fragmento de sua vida, sempre a perturbou durante anos e a perseguiu. Desta forma, o relato será condensado em momentos de sua juventude. O título também faz um jogo dúbio entre este gênero e a conotação que temos da palavra memória. Temos um discurso que se contrói pela memória, pelo que permaneceu com a autora durante tantos anos e estas lembranças serão o alicerce da narrativa:

J'ai voulu l'oublier aussi cette fille. L'oublier vraiment, c'est-à-dire ne plus avoir envie d'écrire sur elle. Ne plus penser que je dois écrire sur elle, son désir, sa folie, son idiotie et son orgueil, sa faim et son sang tari. Je n'y suis jamais parvenue.

Toujours des phrases dans mon journal, des allusions à «-la fille de S», la fille de 58». Depuis vingt ans, je note «-58-» dans mes projets de livre. C'est le texte toujours manquant. Toujours remis. Le trou inqualifiable. (ERNAUX, 2016, p. 16 e 17).

O fato da narradora ter escolhido as memórias de um período específico da sua vida as tornam mais intensas. O relato se concentra num período crítico para Annie D, no caso o verão de 58. Temos como ponto de partida este ano, que servirá como o gatilho para o decorrer da ação. Os conflitos da jovem começam nessa época e a perseguirão depois, mas começam quando a autora tem 18 anos. Essa escolha de recorte para a narrativa, a intensifica Como explica Gasparini:

La condensation de nombreux événements significatifs dans un laps de temps limite confère à la plupart des romans autobiographiques une densité supérieure[...] Ces moments de crise ne s'organisent jamais tout à fait en intrigues autonomes conclues par un dénouement définitif (GASPARINI,2004, p.195).

Essa estratégia de organização da narrativa agiliza e aumenta o vigor do romance. O fato da autora ser atormentada pelas lembranças deste ano em específico, dá mais credibilidade ao romance autobiográfico. \_

Outro dispositivo que temos no romance são os paratextos. No início do romance temos uma epígrafe da banda Supertramp: "*I now its sound absurd but please tell me who I am*", juntamente com texto da escritora inglesa Rosamondi Lehmann:

Une chose encore, dit-elle. Je n'ai honte de rien de ce que j'ai fait. Il n'y a pas de honte à aimer et à le dire.  
 Ce n'était pas vrai. La honte de sa faiblesse, de sa lettre, de son amour, continuerait de la dévorer, de la consumer jusqu'à la fin de sa vie.  
 Après tout, cela ne faisait pas tellement mal! pas au point de ne pas pouvoir le supporter en secret, sans rien en montrer. Tout cela, c'était l'expérience. C'était une chose salutaire. Elle pourrait écrire un livre maintenant, Roddy serait un des personnages, ou bien se mettre sérieusement à la musique; ou bien se tuer (ERNAUX, 2016, p. 9).

Podemos interpretar essas duas epígrafes como uma prévia do conteúdo do romance, que fornece ao leitor uma visão sobre autodescobrimento e passado. Um outro dado importante é pensarmos na escolha da autora de apresentar uma frase de uma banda de rock dos anos 70 e uma trecho de um romance publicado em 29. Durante toda a narrativa a narradora intercala informações sobre as músicas tocadas na época do relato, para aproximar o leitor e colocá-lo mais próximo do que é contado. Ao mesmo tempo, sabemos que a leitura teve forte impacto na vida de Annie D. Elas tiveram uma influência no seu modo de pensar e a ajudaram a refletir sobre os acontecimentos passados na colônia. Segundo Jakobson, este paratexto:

Vise a établir un premier contact entre le lecteur potentiel et le livre. Il met aussi en jeu la fonction "conative" du langage puisqu'il s'efforce de peser sur l'attitude du destinataire à l'égard du texte: il l'incite à le lire ou au contraire, intentionnellement ou non, l'en dissuade; il exerce fréquemment une influence préalable sur l'horizon d'attente du lecteur ou une influence a posteriori sur sa compréhension de l'oeuvre (JAKOBSON, 1963, p. 209-248).

Outra destas ferramentas são as citações temporais que posicionam o leitor e o ajudam a construir uma imagem deste ano, através dos fatos históricos e culturais. Como explicamos anteriormente devemos considerar os lapsos de memória e colocá-la em dúvida. Estas citações servirão para lembrar o leitor que:

Le roman autobiographique s'est toujours interrogé sérieusement, et sans doute davantage que l'autobiographie, sur le fonctionnement de la mémoire, sur la possibilité de rendre compte du réel (GASPARINI, 2004, p.130)

Temos diversos exemplos dessas passagens que nos transportam para o ano de 58. A narradora também procura pesquisar sobre aqueles que fizeram parte desse período usando o google e outras redes. A curiosidade para ver como eles

estão e o que fazem atualmente a impulsionam na escrita. Outros dados são recuperados nas suas lembranças:

Même si, comme je le crois, elle a été effleurée par le soupçon qu'il lui avait promis de venir lui dire au revoir pour se débarrasser d'elle, aucun des signes objectifs de la réalité – la fiancée, la promesse non tenue, l'absence de rendez-vous à Rouen – ne fait le poids devant le roman qui s'est écrit tout seul en une nuit, sur le mode du Lac de Lamartine, des Nuits de Musset, du happy end des Orgueilleux avec Gérard Philipe et Michèle Morgan courant l'un vers l'autre, de toutes les chansons – cet espéranto de l'amour – dont je peux décliner la playlist avec sûreté :

Un jour tu verras / On se rencontrera (Mouloudji)

J'attendrai le jour et la nuit / j'attendrai toujours / Ton retour (Lucienne Delyle)

Si tu m'aimes / Je me fous du monde entier (Édith Piaf)

Mon histoire c'est l'histoire d'un amour (Dalida)

C'était hier, ce matin-là / C'était hier et c'est loin déjà (Henri Salvador).  
(ERNAUX, 2016, p. 65).

Após analisarmos alguns mecanismos usados no romance autobiográfico, não podemos deixar de retomar a importância de nós mulheres nos colocarmos na literatura enquanto autoras e leitoras. O projeto de Annie Ernaux, vai além da escrita, passa pela sua procura de compreensão enquanto mulher. Escrever é um posicionamento essencial para essa busca e se torna ainda mais poderoso quando abarca a vivência real da escritora. A escrita é, como explica Cixous, um retorno e uma arma para a libido e o desejo feminino. A importância do relato para a narradora, não é somente perpetuar sua memória e as lembranças daquele verão. Há um exercício de compreensão de sua sexualidade, sem o prisma masculino como aconteceu -na época. Segundo Cixous :

Parce que son "économie" pulsionnelle est prodigieuse, elle ne peut pas, en *prenant* la parole, ne pas transformer directement et indirectement *tous* les systèmes d'échanges fondés sur l'épargne masculine. Sa libido produira des effets de remaniement politique et social beaucoup plus radicaux qu'on ne veut le penser.[...] En la femme se recourent l'histoire de toutes les femmes, son histoire personnelle, l'histoire nationale et internationale. En tant que combattante, c'est avec toutes les libérations que la femme fait corps. (CIXOUS, 2010, p. 49)

Annie Ernaux usa a escrita como meio para reformular sua vida, suas histórias e resolve fazê-lo de maneira exposta, num romance autobiográfico. Aqui o corpo funcionará como o dispositivo desencadeador, para o processo de escrita. Ambos então (escrita e corpo) se unem e dão um ressignificado ao romance, mas

sobretudo as histórias femininas. É a liberação de sua sexualidade pela forma da escrita, unindo então dois corpos que fazem parte de uma mesma mulher.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento deste estudo, nos permitiu averiguar de que forma a escrita autobiográfica de Annie Ernaux é colocada neste romance, *Mémoire de fille*. Através de seu corpo, a escritora buscou se lembrar e desta forma se colocar no papel e no protagonismo de sua vida, diferentemente da Annie jovem.

O romance autobiográfico é construído em diversos níveis pela autora, no título, na forma de narrativa, no seu recorte temporal, enfim, no todo em que a história é contada. Apreendemos no romance toda a carga autobiográfica através destes indícios, e sobretudo pela sua construção do relato em cima da corporeidade de Annie Ernaux.

Nesse sentido, compreendemos que a escrita denota uma nova dimensão da literatura e do corpo, especialmente o feminino. É por intermédio da escrita que a autora remodela a sexualidade, suas memórias e sua existência.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, A experiência vivida. 2. ed. Difusão europeia do livro, 1967.

ERNAUX, Annie. **Mémoire de fille**. Paris: Gallimard, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**, o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1984.

GASPARINI, Philippe. **Est-il je?**. Éditions du Seuil, 2004.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. Editora contexto, 2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.